

“EFFLUVIOS PESTÍFEROS DA PERVERSIDADE DO SÉCULO”: LEITURAS DE *WERTHER* NO MUNDO LUSO-BRASILEIRO¹

Márcia ABREU²

- **RESUMO:** O artigo acompanha a gênese do romance de Goethe *Os Sofrimentos do Jovem Werther* (1774) e investiga sua circulação no ambiente luso-brasileiro, detendo-se nos pareceres dos censores no Brasil e em Portugal.
- **PALAVRAS-CHAVE:** *Os Sofrimentos do Jovem Werther*. Goethe. História da leitura. Brasil. Portugal.

Já o meu “Werther” foi tão criticado que se eu tivesse querido suprimir cada trecho censurado, não sobraria linha alguma de todo o livro. Nenhuma crítica, porém, me prejudicou, pois tais julgamentos subjetivos, vindos embora de pessoas eminentes, eram contrabalançados pelo favor do grande público. (ECKERMAN, 1950, p.146).

¹ Esse trabalho é parte do Projeto Temático Caminhos do Romance no Brasil: séculos XVIII e XIX, por mim coordenado e financiado pela FAPESP. Conta também com o financiamento do CNPq, sob a forma de bolsa de produtividade em pesquisa. Agradeço a Profa. Dra. Wilma Patricia D. Maas, por suas preciosas indicações bibliográficas.

² UNICAMP – Universidade de Campinas. IEL – Departamento de Teoria Literária. Campinas – SP – Brasil. 13083-859 – marcia.a.abreu@gmail.com

Leituras e infelicidades: Goethe e a gestação de *Werther*

Não há quem não tenha ouvido falar da “Wertherfieber”, a “febre de Werther”, que assolou a Europa logo após a publicação de *Os Sofrimentos do Jovem Werther*. A crer em registros da época, a partir da divulgação do livro, adolescentes e jovens decidiram suicidar-se, empregando o método utilizado por Werther, vestindo as mesmas roupas ou ainda deixando um exemplar do livro em seu leito de morte.³

Johann Wolfgang Goethe, em suas *Memórias*, relembra as condições em que o livro foi gestado e circulou pela primeira vez.⁴ Segundo ele, os jovens alemães viviam em um ambiente mórbido, sem objetivos claros, sem oportunidade de produzir grandes ações e alimentados por sentimentos lúgubres vindos, sobretudo, da leitura de obras literárias inglesas, como

³ O anônimo autor do livro *Lettres d'un Voyageur a l'Abbé Barruel* comenta a repercussão de *Werther* em período próximo à publicação da obra: “Le mal qu’a fait de roman est incalculable. Le suicide y est représenté sous lês couleurs lês plus innocentes, et comme dernière ressource d’um amour malheureux. Je l’ai vu plusieurs fois dans les mains de jeunes personnes dont la situation étoit assez analogue à celle de Werther: et combien ne s’em trouve-t-il pás tous les jours?” Em seguida, comenta casos de jovens que se suicidaram ou que cogitaram a idéia, como o de um inglês, com quem o viajante travou conhecimento em 1791, perdido de amor por uma atriz da Ópera que o rejeitara quando sua fortuna acabou. Dizia o rapaz, em conversa com o viajante: “J’aurois été le plus misérable des hommes, me dit-il, si je n’avois trouvé dans un petit livre de grands sujets de consolation. Non, jamais, s’écria-t-il, on n’a mieux écrit pour un amant desespere! Aussi fait-il la seule nourriture de mon ame depous le cruel moment de notre séparation. Je fus curieux de voir ce précieux livre... Il tira de dessous sa veste un très-petit format superbement relié, qu’il avoit placé sur son coeur... C’étoit *Werther*. Je suis bien à plaindre, continua-t-il, en me le donnant, mais dans ce petit livre je trouve le remède à tous mês maux, et bientôt je serai moins malheureux, ou je ne serai plus!”. (LETTRES..., 1800, p.49).

⁴ Cf. GOETHE, 1971.

Night Thoughts, de Edward Young. Esses poemas, publicados originalmente na Inglaterra entre 1742 e 1745, conheceram extraordinária circulação a partir da tradução francesa em prosa.⁵ Eles teriam sido inspirados pela morte da esposa e de dois enteados de Young, o que o teria levado a abandonar o mundo para viver retirado e solitário, compondo poemas que sobre a morte, a volúpia das lágrimas, a insignificância dos prazeres e da vida mundana, o gosto pelas ruínas, pelos túmulos iluminados pela lua e pelas paisagens desoladas.

Shakespeare também teria dado sua contribuição para a morbidez da época, especialmente por meio de *Hamlet*, cujos monólogos e conversas com espectros, segundo Goethe, enchiam as jovens cabeças alemãs:

Nosso pai e mestre Shakespeare, que sabe difundir uma alegria tão pura, contribuía também para fortalecer essa hipocondria. *Hamlet* e os seus monólogos ficavam como

⁵ *Les Nuits de Young, suivies des tombeaux et des méditations d’Hervey*, etc. traduction de Le Tourneur. Paris: Chez Étienne Ledoux, 1827. 1ª edição: 1769. A tradução francesa serviu de base para as numerosas traduções portuguesas, também em prosa: *Noites de Young*, a que se juntam muitas notas importantes, e varios opusculos do mesmo Young. Traduzidas em portuguez. Vicente Carlos de Oliveira. Lisboa: 1785, 2 tomos. *Noites selectas de Young*, traduzidas em portuguez etc, Jose Manuel Ribeiro Pereira. Lisboa: 1781. Reedições em 1784, 1787. *Noites Seletas*, 2 volumes, Tradução Vicente Carlos d’Oliveira. Lisboa: 1791. *Noites d’Young*, traduzidas em vulgar por Vicente Carlos de Oliveira e adicionadas com as notas de Mr. Le Tourneur com os poemas do Juizo Final e do Triunfo da Religião contra o Amor, e outros opusculos do mesmo Young, 2 volumes. Segunda edição correcta e emendada pelo traductor dos Seculos Christãos e da Historia de Portugal por La Clède. 1791. Lisboa. No mesmo ano publica-se a 3ª edição. Apenas um tradutor diz ter tomado por fonte o texto inglês: *Noites selectas de Young*, traduzidas do inglez em port. por Joseph Manoel Ribeiro Pereira. Lisboa: 1782. Entre 1769 e 1807 esse é o segundo livro mais enviado ao Rio de Janeiro, ficando atrás apenas das Aventuras de Telêmaco. Ver, a respeito Abreu (2003).

fantasmas que não cessavam de assombrar todas as imaginações jovens. Cada qual sabia de cor as passagens principais e comprazia-se em recitá-las; e cada qual julgava que devia ser melancólico como o príncipe da Dinamarca, sem contudo ter visto como ele nenhum espectro e sem ter um pai augusto a vingar. (GOETHE, 1971, p.447).

A leitura dos poemas do suposto bardo escocês Ossian completava a atmosfera de melancolia e alimentava os desejos sombrios dos jovens. Antes de gerar a “febre de Werther”, Goethe havia sido vítima do que se chamou de “febre de Ossian”, que tomou conta da Europa a partir de 1760, quando James Macpherson, um desconhecido escritor escocês, anunciou a descoberta de antiquíssimos poemas gaélicos compostos por Ossian, um poeta cego, que vivera no século III nas terras altas escocesas. Macpherson afirmava que havia coletado os poemas da boca de pessoas simples que os sabiam recitar ou que haviam guardado velhos manuscritos de textos antigos em que eram narradas as aventuras heróicas de Fingal e de seu povo.⁶ Dizia Goethe:

[...] a fim de que toda essa melancolia tivesse um teatro feito para ela, Ossian atraía-nos para a longínqua Tule, onde, percorrendo a imensa charneca cinzenta, entre as pedras musgosas das sepulturas, víamos em torno de nós as ervas agitadas por um vento horrível e sobre as nossas cabeças um céu coberto de nuvens. A lua,

⁶ O material supostamente recolhido e traduzido por Macpherson gerou 2 livros: *Fingal: Um Antigo Poema Épico em Seis Livros, Junto com Vários Outros Poemas Compostos por Ossian, Filho de Fingal* (1761) e *Temora: Um Antigo Poema Épico em Oito Livros, Junto com Vários Outros Poemas Compostos por Ossian, Filho de Fingal* (1763).

por fim, mudava em dia a noite caledoniana; heróis defuntos, pálidas beldades, pairavam em volta de nós. (GOETHE, 1971, p.447).

No final da vida, Goethe reviu a influência da literatura inglesa sobre seu estado de espírito na juventude,⁷ mas, ao compor suas *Memórias*, parecia-lhe que a leitura tinha tomado parte essencial nos sentimentos que o teriam levado a compor *Os Sofrimentos do Jovem Werther*.⁸

Além do contato com os livros, Goethe atribuiu a gênese da obra à falta de perspectivas e projetos de vida, assim como a situações concretas que teria vivido ao apaixonar-se por Charlotte Buff, noiva de Johann Christian Kestner, e ao tomar conhecimento do suicídio de seu colega Karl Wilhelm Jerusalem, que também alimentava um amor impossível por uma mulher comprometida.⁹ O livro teria surgido, portanto, da

⁷ Em conversa com seu secretário Eckerman, Goethe teria dito: “Também não me teria sido preciso derivar as minhas melancolias de adolescente, da influência do meu tempo e da leitura de certos autores ingleses. Foram antes situações íntimas, que me atormentavam como espinhos e me deram que fazer impondo-me aquele estado de espírito do qual originou-se o ‘Werther’. Eu tinha vivido, amado e sofrido muito! [...]” (ECKERMAN, 1950, p.55).

⁸ “Num meio assim, entre uma sociedade assim, com gostos e estudos desse gênero, atormentado por paixões insatisfeitas, sem ser excitada por nenhum móbil exterior a uma atividade séria, sem outra perspectiva além da obrigação de encerrar-se numa insípida e lânguida vida burguesa, a gente se familiariza, no seu dolorido orgulho, com o pensamento de poder deixar a vida quando quisesse, quando não a achasse mais do seu agrado, e com isso se furtava um pouco às injustiças e ao tédio cotidianos. Essa disposição era geral e, se o Werther produziu um grande efeito, é que estava em afinção com todas as almas e exprimia aberta e claramente o segredo de um mórbido devaneio juvenil.” (GOETHE, 1971, p.447).

⁹ Aos 22 anos, Goethe chegou em Wetzlar, para trabalhar como advogado. Poucas semanas depois, ele conheceu Charlotte Buff, apelidada “Lotte”, em uma festa em uma pequena aldeia vizinha. Ela era uma garota alegre que, depois da morte trágica de sua

combinação desses diversos elementos: um clima de época, um amor impossível, a atitude de um amigo. Todo o peso dessa situação teria se transferido para a história de Werther, que, ao ser narrada, teria libertado o autor de seus sofrimentos.¹⁰ Entretanto, esse efeito de libertação não foi partilhado:

mãe, cuidava de seus nove irmãos mais jovens. Goethe não sabia que ela já estava noiva de Johann Christian Kestner, um jovem bem sucedido e admirado. Apesar da decepção, Goethe tornou-se amigo de Lotte e Kestner, passando com eles um verão idílico, ao final do qual, Lotte disse a Goethe que ele não deveria nutrir esperanças amorosas em relação a ela. Ele deixou o povoado em setembro, mas continuou a corresponder-se com o casal. Charlotte e Kestner casaram-se em abril do ano seguinte. O suicídio da personagem Werther foi inspirado pelo suicídio verídico de Karl Wilhelm Jerusalem, um conhecido de Goethe e Kestner. Era Jerusalem quem costumava envergar o vestuário de Werther: casaca azul, colete amarelo de couro, calções e botas compridas. Aparentemente, ele amava uma mulher casada que o havia rejeitado (GOETHE, 1971).

O anônimo autor de *Lettres d'un voyageur a l'abbé Barruel* comenta: "[...] ce roman de Werther n'est pas, ainsi qu'on le pense communément, fondé sur un fait unique. La première partie est le récit de ce qui est arrivé à Goethe lui-même: l'autre n'est, à ce qu'on m'a plusieurs fois assuré à Weimar, que l'histoire embellie d'une catastrophe de ce genre arrivée à un fils de l'abbé de Jerusalem de Brunswick. La Charlotte de Werther n'étoit ni jolie, ni intéressante, morte en 1794." (LETTRES..., 1800, p. 48).

¹⁰ "[...] não pude deixar de derramar na obra que empreendia nessa ocasião toda a chama que não permite nenhuma distinção entre poesia e realidade. Recolhera-me a uma solidão completa, recusando-me às próprias visitas de meus amigos e afastando também do pensamento tudo que não pertencesse diretamente ao meu desígnio. Por outro lado, reuni tudo o que se relacionava com ele e reconstituí em espírito as minhas aventuras mais recentes, de que não fizera ainda nenhum uso poético. Foi nessas circunstâncias, depois de tantos e tão longos preparativos secretos, que escrevi o Werther em quatro semanas, sem haver antes lançado sobre o papel nenhum plano de conjunto, nem tratado qualquer de suas partes. [...] eu me libertara de um elemento tempestuoso sobre o qual fora agitado com extrema violência pela minha culpa e pelas alheias, pela vida que me coubera em sorte e por aquela que tinha escolhido para mim, pela vontade e pela precipitação, pela

Como depois de uma confissão geral, eu me sentia de novo na posse de minha liberdade e minha alegria, e com o direito de começar uma vida nova. Ainda dessa vez a velha receita não falhara. Mas, assim como eu me sentia aliviado e esclarecido porque transformara a realidade em poesia, meus amigos caíram no erro de pensar que se devia transformar a poesia em realidade, imitar o romance e, sendo necessário, dar um tiro nos miolos. O que se passou inicialmente num pequeno círculo aconteceu depois entre o grande público, e esse livrinho que me prestara tão grande serviço foi atacado como extremamente pernicioso. (GOETHE, 1971, p.451).

Armado o círculo vicioso, o livro alimentava o desencanto pela vida, que atraía novos leitores para a obra, que se tornavam ainda mais desencantados, propiciando, a cada ano, o aparecimento de novas traduções e novas edições.¹¹ Seguiu-se o exemplo de Werther, mas não os desejos de Goethe de que seu livro não fosse lido numa chave "didática":

obstinação e pela condescendência." (GOETHE, 1971, p.450-451, grifo do autor).

¹¹ Eckerman, em suas *Conversações com Goethe*, questiona a interpretação, segundo a qual o impacto do livro se deveria ao espírito da época: "Referi-me então à grande sensação causada por 'Werther' ao aparecer, duvidando se realmente seria consequência da época. 'Não estou de acordo', continuei, 'com essa opinião tão generalizada. 'Werther' fez época por ter aparecido, não por ter aparecido numa determinada ocasião. Existem em todos os tempos, tantos sofrimentos inexprimíveis, tantos dissabores secretos e desgostos da vida, e nas próprias criaturas tantas divergências com o mundo, tantos conflitos da sua natureza com as instituições sociais, que 'Werther' faria época mesmo se aparecesse hoje!' 'Tem V. plena razão', concordou Goethe, 'eis porque também o livro influi ainda agora sobre a juventude como outrora.'" (ECKERMAN, 1950, p. 55, grifo do autor).

[...] a comoção foi grande porque cada um dava livre curso às suas pretensões exageradas, às suas paixões insatisfeitas e aos seus sofrimentos imaginários. Não se pode exigir que o público acolha intelectualmente uma obra intelectual. Não se considerou senão o fundo, o tema, como já o tinham feito os meus amigos; ademais viu-se reaparecer o velho preconceito, fundado na dignidade de uma obra impressa, de que ela dever ter uma finalidade didática. Mas a verdadeira exposição não tem tal objetivo. Não aprova nem condena: desenvolve no seu encadeamento próprio as ações e os sentimentos, e é dessa forma que esclarece e instrui. (GOETHE, 1971, p.452).

Reagindo de forma emocional, seus leitores identificavam-se com a situação vivida por Werther e o tomavam como um modelo de conduta, a qual desejavam transferir para suas próprias vidas. Contrariando os desejos do autor, os jovens continuavam a agir conforme o livro e os críticos seguiam reprovando a obra, fazendo com que ela fosse proibida em diversos países.

Em Portugal a situação não foi diferente.

Uma leitura alemã do *Werther* português

Desde o século XVI, Portugal exercia um controle rigoroso sobre os livros que entravam em suas terras ou que se queria publicar em português, por meio de organismos de censura mantidos pelo Estado e pela Igreja. *Os Sofrimentos do Jovem Werther* foi uma das obras que se tentou evitar, a todo custo, que entrasse nos domínios portugueses.

O primeiro registro localizado sobre *Werther* foi produzido em 1797, quando Pedro Aillaud, mercador de livros na cidade de Coimbra, viu suas caixas de

livros serem retidas para exame na Alfândega.¹² Acompanhavam as caixas os róis dos livros e “as Aprovações competentes”, mas mesmo assim o caso foi a exame, pois a presença de impressos como a **Enciclopédia** levantou suspeitas de que nem todos as obras encaixotadas fossem autorizadas. Em 12 de agosto de 1797, o censor João Guilherme Christiano Müller foi designado para dar seu parecer.

João Guilherme Christiano Müller era um homem culto, filho de uma família de professores da renomada Universidade de Göttingen, na Alemanha. Nascido em 1752, cursou Humanidades, Línguas orientais e Teologia na sua terra natal. Em 1772, mudou-se para Portugal para tornar-se pastor luterano, mas acabou por converter-se ao catolicismo, ocupando diversos e importantes postos no governo, entre eles o de censor.

Müller não viu nenhum problema nos volumes da **Enciclopédia** presentes nas caixas de livro de Pedro Aillaud, pois, segundo ele, continham “os Debates da Convenção = Nacional da França”, apresentados de maneira “imparcial”, contendo os discursos proferidos durante a Convenção.¹³ Müller acreditava que “documentos” dessa natureza “não se devem, nem podem ocultar a Homens de Letras”, que precisam estar informados sobre seu tempo. Se a temida **Enciclopédia** pareceu inócua, outra foi sua opinião acerca de um “livrinho” que encontrou na lista “que relata os Titulos dos Livros, que vieraõ de Genova em duas Caixas marcadas I.P.A. N^{os}. 1. – 2.” Tratava-se de “Les malheurs de Werther”, tradução para o francês do livro de Goethe. Dizia Müller:

¹² Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), Real Mesa Censória (RMC), Caixa 144, 1797, set, 4.

¹³ Nas citações foram mantidas a ortografia e a pontuação originais.

Ha seculos que não se publicão producções literarias, que custassem tantas lagrimas a familias honestas, como esta ja desde o Anno 1774, em que pela primeira vez appareceu na feira de Leipzig, e que se fizeraõ traducções della em muitas Lingoas. Em Portugal conheço eu ao menos duas familias summamente respeitaveis, que tiveraõ razaõ de amaldiçoar, junto dos corpos ensanguentados de filhos queridos, as funestas locuras que lhes insinuou este Livrinho.

Vê-se, a partir do testemunho do censor, que os esforços empreendidos para controlar o que se lia em Portugal não foram inteiramente bem sucedidos, tendo sido incapazes de retirar as terras lusas do mapa da “*Wertherfieber*”. Em 1797, ainda não havia tradução para o português, mas, mesmo assim, o livro era conhecido e causava seu funesto efeito. Müller explicava como se produzia esse resultado:

Sera difficultozo achar-se hum pregador do suicidio mais arrogante, e persuasivo, apto a capacidade de todo o mundo. O que elle ganhou, ou perdeu na presente tradução não posso julgar, porque não sei qual das duas, que eu conheço, ella seja. Mas o Original he escrito com tanta arte, singularidade, e energia, que tem havido horas na minha propria vida, nas quaes desejava nunca o ter lido; de sorte que eu não gostaria de o vêr nas mãos de algum de algum [sic] amigo literato, e dos mais seguros principios muito menos nas lojas de livreiros d’hum Universidade.

Ainda que seu papel como censor requeresse apenas que ele fizesse uma avaliação da periculosidade da obra, Müller chega às confissões íntimas em seu parecer, declarando que ele mesmo se sentiu afetado

pela narrativa, concebendo, provavelmente, idéias suicidas inspiradas pelo livro – “tem havido horas na minha propria vida, nas quaes desejava nunca o ter lido”. Vivendo em Portugal desde 1772, o contato com a obra e as perigosas idéias daí decorrentes devem ter se dado em solo português e por meio de importação – o que não parece ter representado nenhuma dificuldade, uma vez que o censor afirma conhecer duas diferentes traduções do livro para o francês.

Ele parecia concordar com Goethe que atribuía a eficácia do texto às disposições prévias dos leitores, mas não se limitava a responsabilizar apenas o leitor e o espírito da época. Ele acreditava que a força da obra viria também de sua forma, da maneira como tinha sido composta, com “arte, singularidade e energia”.

Contra os desejos de Goethe, que esperava que seu livro não fosse lido como uma proposta “didática”, Müller via na reunião de um estilo poderoso com uma narrativa envolvente uma força persuasiva, capaz de mover os jovens e conduzi-los à ação. Ainda mais grave lhe parecia o fato de o texto ser acessível à “capacidade de todo mundo”. Ao avaliar os volumes da **Enciclopédia**, que vinham no mesmo lote de livros, Müller havia argumentado que eles poderiam ser liberados, pois teriam circulação restrita tanto pelo tipo de texto quanto por seu preço pouco acessível, o que o distinguia “daquelles Brochuras, que pela facilidade com que passaõ de mão em mão, saõ vehiculos commodos de espalhar o veneno que encerraõ.” Esse seria o caso de *Werther*, que, assim como os demais romances em circulação no período, custava preço módico.¹⁴

¹⁴ Os livros – e, em especial, os romances – eram mercadorias baratas. Dentre os bens avaliados em inventários de final do século XVIII e começo do XIX, o livro era o item que possuía valor unitário dos mais baixos, podendo chegar a ser considerado “sem serventia” pelos avaliadores. Ver, a respeito, Abreu (2003).

Um livro barato, que narrava uma história atraente, em estilo simples e persuasivo era um “veneno” que cumpria vigiar. Ainda que Müller não tivesse dúvidas quanto ao perigo representado pela obra, continuou a manter contato com ela depois de sua primeira – e arriscada – experiência. Ele sabia que o livro havia sido traduzido para diversas línguas e conhecia duas diferentes traduções para o francês.¹⁵ Se ele achava que a **Enciclopédia**, “hum ornamento necessario a qualquer Livraria algum tanto consideravel, por ser o deposito dos conhecimentos da presente epoca”, deveria ocupar as estantes das mais importantes bibliotecas dos letrados portugueses, tinha dúvidas sobre a capacidade desses mesmos letrados, ainda que tivessem “os mais seguros princípios”, para resistir à leitura de *Werther*. Sua preocupação aumentava ainda mais pelo fato de o responsável pelos caixotes de livros que examinava ser um livreiro de Coimbra, o que o levava a concluir que seu objetivo era vendê-lo aos jovens estudantes da cidade.

A conclusão de seu parecer foi, obviamente, a de que se deveria “supprimir” o livro, ou seja, impedir sua entrada e sua existência física em Portugal e seus domínios. A crença de Müller no poder e no perigo da narrativa era tanta que ele lamentava a impossibilidade de “exterminar as pinturas de algumas Scenas destes pesares do desgraçado Werther” dos gabinetes dos curiosos, e ate das Caixas de Tabacco, e dos Leques das Damas”. O sucesso do livro fez com que diversas pinturas tomassem o livro como tema, assim como foram produzidos desenhos representando cenas do romance para ornamentar produtos como leques, caixas de tabaco e jogos de chá.

O parecer de João Guilherme Christiano Müller foi acatado pela Mesa do Desembargo do Paço, que

¹⁵ O livro foi traduzido para o francês em 1775 e entre 1776 e 1807 conheceu mais dezoito traduções e imitações nessa língua.

reteve os exemplares de *Les Malheur de Werther*, transportados por Pedro Aillaud.

O sossego do censor, entretanto, durou pouco. Dois anos depois, em 1799, teve que se deparar com a obra novamente, desta vez com o encargo de examinar uma tradução para o português feita a partir do francês.

O tradutor João Antonio da Fonseca seguiu o caminho convencional para conseguir uma autorização para se publicar um livro. No final de 1798, submeteu os originais manuscritos ao Tribunal do Santo Ofício, obtendo sua aprovação, em 9 de outubro, ainda que com cortes em alguns trechos. Em seguida, apresentou os originais ao Ordinário, que também suprimiu algumas passagens, mas autorizou a publicação em 13 de novembro de 1798. Faltava apenas mais um passo: conseguir a aprovação da Mesa do Desembargo do Paço. Ato contínuo, João Antonio da Fonseca dirigiu-se à Mesa, pedindo autorização e juntando as licenças do Santo Ofício e do Ordinário.¹⁶ A papelada não pareceu suficiente aos funcionários que receberam o pedido, pois o devolveram com a solicitação de que fosse apresentado também o livro em francês no qual o tradutor se baseara. Nesse momento, João Antonio da Fonseca viu-se em apuros:

[...] o Supp^{te}. na Conjunção prez^{te}. Se vê impossibilitado inteiram^{te}. de poder Cumprir com o Desp^o. de V. Mag^e.; Pois tendo traduzido o tal Livro há mais de Dous an^s. de outro Livro, o qual não era seu proprio, porem de hum A^o.¹⁷ o qual ja deprez^{te}. he falecido, epor esta cauza nunca mais o Supp^{te}. soube do fim que teve o Liv^o. do seu A^o.

¹⁶ ANTT, RMC, Caixa 32, 1799, maio, 25.

¹⁷ A^o. = abreviação de amigo.

A explicação apresentada por Fonseca poderia tê-lo deixado em maus lençóis, pois ele disse, a um órgão encarregado de controlar a circulação de livros, que teve tranqüilo acesso a um exemplar de obra proibida de entrar em Portugal. Talvez seu amigo fosse portador de licença para leitura de obras proibidas, mas a Mesa não se preocupou em verificar isso e aceitou suas explicações sem tentar descobrir quem era o suposto amigo e como ele tinha conseguido um livro proibido.¹⁸ Possivelmente, Fonseca tenha se preocupado com os desdobramentos que essa sua comunicação pudesse ter e, talvez tentando proteger seu amigo, declarou-o "já de presente falecido". Sem requerer outros esclarecimentos, em 10 de dezembro de 1798, o manuscrito, com as anotações produzidas pelos outros censores, foi encaminhado às mãos de João Guilherme Christiano Müller.

Tendo em vista suas fortes restrições ao texto, o censor não deve ter ficado muito satisfeito ao receber sua tradução para o português. Talvez por isso, tenha se demorado um pouco antes de dar início ao seu trabalho – cinco meses depois, ainda não tinha apresentado seu parecer. João Antonio da Fonseca impacientou-se. Buscando acelerar o processo, voltou a escrever à Mesa do Desembargo do Paço, explicando que não era de Lisboa e tinha de voltar para a Província da Beira, "onde tem sua ocupação". Alegando não conhecer quem pudesse cuidar das licenças em sua ausência chamava a atenção para o "gravíssimo incomodo" que o atraso lhe causava e, talvez suspeitando de que a demora se devesse a problemas encontrados no texto, garantia que "em tudo se Sujeita ás Cencuras" e "está pronto p^a. riscar na Sua obra oq não for do agrado de V. Mag^e., assim como o fez por mandado expresso dos dois Trib^{es}. deq'ja alcançou Lic^a."

¹⁸ Sobre as licenças para leitura de livros proibidos ver Villalta (1999).

A Mesa encaminhou a carta ao censor com ordem para "expedir com abrevi^e. posivel os livros deq. se tracta". O pedido de urgência não favoreceu em nada o humor de Müller, que produziu em 16 dias um parecer, ainda que reclamando do "ardor apressado" do tradutor, que o fazia "acelerar esta futil Censura, no meio de outros trabalhos".

O censor relembrou o parecer exarado anos antes e reafirmou que sua decisão de suprimi-lo assentava-se "[...] sobre proprias experiencias de factos incontestaveis, effectuados pelas sinistras impressões da leitura deste livro em almas juvenis, e sobre o effeito, que eu mesmo senti disto, e que me inspirou aversão contra sua reiterada lição." Assim como havia dito em sua primeira manifestação, acreditava fortemente na capacidade do livro de suscitar a identificação do leitor, sobretudo em momentos em que ele estivesse fragilizado:

Quantos momentos ha na vida humana, onde semelhante pregaçãõ acha Echo no nosso coração nimiamente repleto de disgostos, e não vigiado pela razaõ, fadigada de trabalho excessivo das suas forças intellectuaes?

Aquilo que João Guilherme Christiano Müller via como um perigo seria percebido, anos depois, por Goethe, como uma virtude do texto. Em suas conversas com seu secretário Eckerman, declarou: "Felicidade tolhida, atividades refreadas, desejos insatisfeitos não são defeitos duma certa época, mas inerente a todas as criaturas, e mau seria, se cada um não tivesse em sua vida uma época em que 'Werther' lhe parecesse como escrito especialmente para si." (ECKERMAN, 1950, p.55). Ao contrário do autor, Müller tinha dificuldades em imaginar algo mais danoso do que Werther. Sintetizando sua avaliação do original alemão, declarou, logo no início de seu parecer:

Poderá pois imaginar-se artificio mais venefico¹⁹, do que a representação d'hum ultraje da Humanidade com amaveis cores, e com rasgos, que insensivelmente, lisongeando as paxoões as mais tirannas da debilidade humana, peitaõ ate a nossa razaõ, inspirando indulgencia, e compaixaõ, e depois gradualmente applauso, e inveja, e por fim terna illuzaõ amoroza para com objectos, que deviaõ revoltar contra o nosso mais irreconciliavel horror? – Se a promulgaçaõ, de semelhantes effluvios pestiferos da perversidade do Seculo, não merece a denominaçaõ, de pregaçaõ de iniquidade, não sei o que poderá merecella?

Müller descreve com precisão o processo pelo qual ele imaginava que se processava leitura da obra de Goethe: apresenta-se de forma positiva uma atitude recriminável de modo a tocar os sentimentos íntimos do leitor o qual, abandonando a reflexão, é levado a uma identificação positiva com a personagem, fazendo com que ele passe a avaliar de forma diferente o ato tido como errado. Por isso, o censor tinha se manifestado “contra a livre venda de qualquer versaõ em lingua estranha do mesmo livro”.

Cumpria, agora, examinar a tradução para o português, que não apenas vertia o texto, mas o adaptava, omitindo diversas passagens e várias cartas, razão pela qual se intitulava “Cartas selectas de Werther”. O minucioso censor, embora tivesse declarado seu horror ao texto, deixou perceber que, além das duas traduções para o francês mencionadas em seu primeiro parecer, tinha guardado consigo um exemplar do livro em alemão, ao dizer que havia comparado a tradução com “meu Exemplar do Original”. A comparação não favoreceu o trabalho de João Antonio da Fonseca, pois permitiu que o censor

¹⁹ O mesmo que venenoso.

percebesse o acréscimo de uma carta que somava novos problemas à narrativa de Goethe. Essa carta, a sexta da tradução, relata o encontro de Werther com um trabalhador que se tornara aleijado em função de um acidente e que, desde então, vivia das parcas esmolos que recebia. A miséria observada fez com que Werther exclamasse:

E nós nos lamentamos, q' sejaõ taõ communs os roubos! Eu te confesso, meu caro Amigo, Sim, eu te affirmo, q' se eu fosse official trabalhando pello meu Officio, eu quebrasse algum braço ou perna, e que minha Pátria recuzasse sustentar-me, era Ladrão. Patria! que quer dizer este nome, Patria! Amaior parte dos homens não a tem: As feras são mais felizes que nós: ellas podem pastar, eo Sol que as tem visto nascer, as aquece, nutri, efaz crescer.²⁰

Evidentemente esse inflamado acréscimo, logo no início da tradução, não concorreu para a boa disposição de João Guilherme Christiano Müller, para quem a afirmação do direito de revidar o mal sofrido, não apenas feria preceitos religiosos, mas ameaçava até mesmo a “Sociedade Civil”.²¹

²⁰ “Cartas Selectas de Werther traduzidas do Francez”. Documento conservado nos “Manuscritos da Livraria” nº. 289. ANTT.

²¹ Sobre a carta acrescentada, Müller diz: “He a VIª. deste Manuscripto, onde se acha fol 6 e 7. Basta lella para se perceber, que a admissibilidade da Obra não ganhou cousa alguma pela sua inserçaõ. Não se pode negar, que nella se exprimem sentimentos naturaes, frequentes, verdadeiros, eas vezes irritados involuntariamente pelas durezas, que a cada passo nos affrontaõ na suciedade humana: ... sentimentos, que magoaõ com maior força, as almas mais nobres e delicadas, do que as de menos mimosa organisaçaõ, contra as quaes às vezes não se podem assaz defender, quando as revoltaõ contra a falta da humanidade daquelles, á cuja disposiçaõ estaõ os melhores meios de aliviar os males, que pesaõ á seus concidados aborrecendo-lhes a practica de seus deveres; ... Mas ao mesmo tempo sentimentos realmente

Se esse acréscimo pouco favoreceu o original, tampouco contribuíram as omissões de diversas passagens. Até mesmo os cortes propostos pelos censores antecedentes, nada ajudaram, fazendo com que Müller chegasse a desconfiar da sagacidade de seus colegas, discordando dos cortes por eles propostos: "O primeiro Censor fez ali riscar a mais inocente passagem, deixando intacto o resto venenoso" e, adiante, "o Censor, que causou a supressão da passagem riscada fol 50, não penetrou o espirito da Obra; porque – á meu ver – he o supprimido ainda o mais toleravel de toda esta Carta." Ainda que não fosse esse seu objetivo, Müller mostra que os sentidos atribuídos aos textos variam conforme as competências, os objetivos e os modos de pensar dos leitores. Aquilo que para os censores que o antecederam parecia grave, para ela era coisa de somenos importância; onde os outros não viram problemas ele se alarmava.

Enquanto no primeiro parecer, preparado a propósito dos livros de Pedro Aillaud, o censor mostrava inquietação com os efeitos da leitura sobre o comportamento individual dos jovens, nesse parecer Müller preocupava-se com as conseqüências sociais da difusão da idéia do suicídio, pois, uma vez que se perde o medo da morte, perde-se o "horror, ate de insultar todos os Poderes":

O Suicida resoluto, com os instrumentos cruentos de seu crime na mão, he o mais façanhoso em todos os outros crimes: elle se sente senhor dos mais efficazes meios para se subtrahir, quando lhe praz, a qualquer força imperante humana, que lhe possa

gerados pela degeneração do coração humano, incompatíveis com os que inculca o Divino Mestre, e Modelo da magnanimidade de "não retribuir males com males"; e no mínimo grão em que achão tolerancia, e approvação de alguma publica Autoridade, incendiarios na Sociedade Civil."

ameacar castigo. Basta revolver os Annaes da Graõ-Bretanha destes dois ultimos annos para vêr, que os mais assanhados facinorosos, que cubrião as habitações pacificas, e os campos regados com o industrioso suor de seus concidados, com pranto e desolação, foraõ os adeptos nos mysterios veneficiosos, em que a Leitura de Werther inicia, determinados de prevenir o ferro, e a corda de seus verdugos, e de salpicar pela sua propria mão o rosto de seus Juizes com as ultimas gottas de seu negro Sangue.

João Guilherme Christiano Müller argutamente percebeu que quem está disposto a morrer torna-se inatingível, escapando de qualquer possível coerção social ou religiosa, pois retira de seus algozes a possibilidade de puni-lo. Logo no início do romance original, na sétima carta enviada, Werther comenta indiretamente o poder do suicida, capaz de evadir-se de qualquer dificuldade por meio da morte: "E depois, por mais limitado que seja, mantém sempre viva no coração a doce sensação de liberdade, sabendo que pode sair deste cárcere quando quiser" (GOETHE, 1999, p.20-21). Ainda que esse trecho tivesse sido suprimido na tradução em exame, o censor não deixava de ver um perigo social na leitura de Werther, vista como uma "epidemia": "[...] haverá, por ventura paixões mais epidemicas em certos momentos da nossa vida, e ao mesmo tempo mais intoleraveis para a tranquillidade publica", perguntava-se.

O censor concluiu que o único que poderia ganhar com a publicação de tão perigoso livro seria o editor que, além de ganancioso, deveria ser um "novato" ou um "mal intencionado" se pensava que escritos dessa natureza poderiam burlar as "luzes d'hum Tribunal esclarecido" e macular a "Literatura de huma Nação como a Portugueza, pela Traducção d'hum livrinho, que notoriamente acabou de fazer fortuna entre as

outras, e cujo descrédito ninguém, senão quem ao fim quer ... ignora.”²²

Tudo exposto, João Guilherme Christiano Müller mais uma vez propôs que os portugueses se mantivessem distantes de um livro que, tendo em vista o “quanto pode influir sobre o modo de pensar d’uma Nação”. No dia seguinte, a Mesa do Desembargo do Paço decidiu “suprimir” a obra. E assim ela permaneceu até 1821, quando foi publicada a primeira tradução portuguesa de *Werther: História Alemã Escrita pelo Doutor Goethe*.²³

Leituras luso-brasileiras de *Werther* em solo tropical

No Brasil, o livro também causou furor ao tentar passar pelos organismos de censura instalados no Rio de Janeiro devido à transferência da Família Real. Em 1808, primeiro ano de funcionamento da Mesa do

²² Ou seja: cujo descrédito ninguém ignora, exceto aqueles que buscam o fim de enriquecer.

²³ *Werther: História Alemã Escrita pelo Doutor Goethe e traduzida em português*. Lisboa, Na Typographia Rollandiana, 1821. Com licença da Comissão de Censura.

Segundo João Barrento, em 1868, o semanário *Archivo pittoresco* publicou fragmentos de *Werther*, traduzidos por E. A. Vidal (*Archivo Pittoresco – semanário ilustrado*. Editores proprietários Castro Irmão e Cia. Vol XI, Lisboa: Typografia de Castro Irmão, 1868). Houve ainda uma outra tradução no século XIX, não datada, preparada por João Theodoro Monteiro. [BARRENTO, João (org.). *Goethe – Vida, Obra, Época. Goethe em Portugal*. Lisboa: Círculo dos Leitores, s/d.] Innocência Francisco da Silva, acusa nova tradução em 1885: *Máguas de Werther*, romance célebre de J. W. Goethe, traduzido do original alemão [por Aniceto dos Reis Gonçalves Viana], editado pela casa Guillard Aillaud, de Paris, em 1885, e que foi o 1.º volume de uma série de publicações, à testa da qual estava Guilherme de Vasconcelos Abreu e se intitulava *Enciclopédia de Arte, Ciência e Literatura*, de que sómente saiu mais outro volume, *Literatura e Religião dos Árias na Índia*, escrito por V. Abreu. [Innocência Francisco da Silva, vol XXII, p. 255].

Desembargo do Paço na América portuguesa, João Morgan recebeu um conjunto de livros enviados de Londres e, para despachá-los na alfândega teve de proceder como se fazia em Portugal, elaborando uma lista com os títulos dos livros e submetendo-a a exame pelos censores.²⁴ Seus problemas começaram já com a lista, pois o censor Fr. Antonio d’Arabida achou-a pessimamente elaborada:

Por ordem de V. A. R^{al}. li, e examinei a Lista dos Livros que Joaõ Morgan pertende despachar na Alfandega desta Cid^e., na qual noto 1º. que ella seja traçada do modo mais escuro, e enigmatico q. hé possível fazerse, pois q. apontando simplicissimamente os Nomes das Materias, ou das Obras, está inteiram^{te}. despojada daquellas notas caracteristicas, e bibliograficas estabelecidas entre os Conhecedores, e que servem de guia ate nos proprios Cathalogs, ou Minutas dos Livreiros, p^a. a Compra dos Livros; notas taes como são o lugar da edição, o Anno, eo Nome do Autor; sendo certo que muitas obras há, que sendo aliás de Materias dignas, e necessarias com tudo por huma só destas notas se tornaõ prohibidas.”

O censor temia ser enganado pela maneira de apresentação das obras que se queria liberar e reclamava da falta de informações bibliográficas relevantes, o que o fazia suspeitar de que os livros arrolados não fossem inteiramente inocentes. Mostrando-se conhecedor do mundo dos livros, esperava que se seguissem as convenções que estabeleciam a necessidade de indicação do nome do autor, do editor e da data. Prenunciando o que a história da leitura viria a postular mais de um século depois, esclarecia que uma obra não pode ser considerada fora de sua materialidade,

²⁴ Mesa do Desembargo do Paço, Licenças, Caixa 819, pacote 2, doc 105-2. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro (ANRJ).

afirmando que “muitas obras há, que sendo aliás de Materias dignas, e necessarias com tudo por huma só destas notas se tornaõ prohibidas” – ou seja, há escritos muito bons que podem se tornar proibidos devido a características específicas de uma edição. Tecidas essas considerações, o censor continuava:

2º. Devo dizer, que , se a Obra aqui assignalada com o titulo = Les Malheurs du Jeune Werther =, cujo titulo me hé novo, he ames^{ma}. que traduzida do Alemaõ apareceu com este outro = Les Nouveau Werther = he hum Escrito aonde o Vicio se mostra triunfando completam^{te}. d’um mancebo apaixonado, e a onde a Virtude apenas se diviza sem forças, ou com m^{to}. pouca para resistir, trazendo athe passagens decididas a favor do suicidio, pello que em Portugal hera prohibida esó furtivam^{te}. corria.

Frei Antonio lembrava-se muito bem do enredo de *Werther*, de modo que é possível supor que ele, assim como seu colega João Guilherme Christiano Müller, tenha se impressionado com a história. O censor mostrava-se também conhecedor profundo das condições de circulação do livro em Portugal, pois ao dizer que a obra “hera prohibida esó furtivam^{te}. corria” deve estar se referindo ao fato de o livro ser proibido, autorizando-se apenas sua leitura para “pessoa privilegiada”.²⁵

Arabida mostrava-se familiarizado também com as polêmicas travadas entre os letrados europeus que se dividiam entre condenar e enaltecer o gênero

²⁵ Em 20 de dezembro de 1805, o livro “Werther. Roman traduit de l’Allemand de Goete. Par. 1803, 2 vol. in 12º” tornou-se “obra permitida a pessoa privilegiada” e ingressou no “Catálogo de livros defesos neste Reino, desde o dia da Criação da Real Mesa Censoria até o presente. Para servir no expediente da Caza de Revisão (1768 – 1814)”. Coleção Real Mesa Censória. Livro nº 811, ANTT. Cf. MARQUES, [1963].

romanesco, erigindo a moral como o principal critério de avaliação das obras.²⁶ Ao elaborar seu parecer, ele examinou a correlação de forças entre vício e virtude na narrativa e concluiu que elas não estão bem equacionadas. Uma das estratégias mais comuns empregadas para a defesa dos romances consistia em afirmar que eles mostravam o embate entre vício e virtude e a vitória dessa sobre aquele, levando o leitor a aderir a um comportamento virtuoso. Lembrando-se de *Werther*, o frei acreditava que a balança penderia para o lado errado, levando à identificação com um jovem apaixonado por uma mulher casada, que advogava a favor do suicídio como forma de solução dos problemas. Lendo o livro dessa maneira, Frei Antonio d’Arabida não teve dúvidas sobre a inconveniência de sua entrada no Rio de Janeiro, ainda que em seu próprio parecer revelasse a pouca eficácia das interdições, ao mostrar que mesmo proibida, a obra “furtivam^{te}. corria” – talvez escapando das mãos das “pessoas privilegiadas”.²⁷

Em atenção à queixa do censor sobre a maneira de composição da lista, João Morgan a refez e a reapresentou. Revendo a listagem preparada segundo as regras da bibliografia, Fr. Antonio d’Arabida percebeu que quase todos os livros eram inocentes, exceto *Werther*, dessa vez identificado como “*Les Malheurs du Jeune Werther, traduit de l’Allemand a Paris – 1792*”.²⁸ Frei Antonio, animado com o assunto, não se limitou a reafirmar a decisão anterior, tecendo novos comentários sobre a obra:

²⁶ Ver, a respeito, Abreu (2003).

²⁷ Mesa do Desembargo do Paço, Licenças, Caixa 820, pacote 3, doc 61. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. Documento datado de “Conv^{to}. de S^{to}. Antonio do Rio de Janeiro 8^{bro}. de 1808”

²⁸ Mesa do Desembargo do Paço, Licenças, Caixa 820, pacote 3, doc 61. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

[...] aqual julgo como ja tive ahonra de reprezar. a V. A. R^{al}., ser hum daqueles escriptos aonde as paixões saõ prezentadas em todo oseu furor eexceço, e aonde aincauta, edebil Mocid^e. bebe osubtil, emortifero veneno taõ perniciozo nas suas consequencias á Religiaõ, e á Socied^e.: sendo desgraçadam^{te}. certo, que esta qualidade de escriptos hé tanto mais perigoza, q^{to}. asua leitura parece ser bela, e innocente, eq^{to}., pelo regular, elles naõ costumaõ ser lidos senaõ por gentes, aq^m. ou afragilid^e. do sexo, ou os poucos annos retem ainda nocentro domaior conflito dos appetites; talvez pois, que estes fossem os motivos porq^u. esta Obra seescondia em Portugal a vigilancia doMinisterio, esó furtivamente se vendia. Este hé portanto omeu parecer, que huma analyse sobre ad^a. Obra pode verificar: V.A.R^{al}. porem mandara oque for servido.²⁹

O parecer não apenas reafirmava o que já havia registrado no documento anterior, mas tecia considerações sobre os possíveis efeitos da leitura de *Werther*. Os censores, tanto em Lisboa quanto no Rio de Janeiro, tinham uma total crença no poder da leitura, jamais imaginando que alguém pudesse passar por um livro sem alterar-se. Tomavam, portanto, os livros e a leitura como coisa extremamente séria, especialmente quando o público era composto, como parecia ser o caso, de jovens e de mulheres, grupos sobre os quais acreditavam que a leitura teria ainda maior poder. No caso dos romances, a preocupação dos censores era redobrada. Eles não apenas tinham legiões de leitores jovens e mulheres, mas eram vazados em estilo sedutor, o que tornava sua forma específica particularmente perigosa: devido à “beleza”

²⁹ Documento datado de “Conv^{to}. doS^{to}. Antonio doRio deJaneiro 16 de 9^{bro}. de 1808.”

dos textos as idéias neles contidas pareciam penetrar mais fundo. Assim como fizera seu colega Müller, o censor considerava o livro um “subtil, emortifero veneno”, cuja ação poderia ser letal não apenas para a Religião como para a Sociedade.

Banido em Portugal e tendo recebido dois pareceres negativos no Rio de Janeiro, *Les Malheurs du Jeune Werther* não teve chance de ser admitido, ficando proibido de entrar no Brasil – ao menos por vias legais. Uma vez mais, o mesmo parecer que proíbe, registra a burla às interdições. Ainda mais explicitamente do que no documento anterior, Arabida declarava que o livro ilegal se furtava à vigilância e “furtivamente se vendia”.

Quase 10 anos depois, em 1817, o livro voltou a aparecer na alfândega do Rio de Janeiro. Reconhecendo-o na lista apresentada pelos comerciantes Lozan Vial e Companhia, o escrivão da Real Câmara, Bernardo Joze de Souza Lobatto, lembrou-se de que, em 1808, a ordem da Mesa tinha sido “reter e supprimir a mesma obra” e ficou atento:

Por isso, como na penultima pagina da Lista juncta ao requerimento dos Supp^{tes}. Lozan Vial e C^a. se faz mençaõ d’hũa Traducção d’Werther, naõ sabendo se ella comprehende a sobred^a. obra, ou sera cousa diversa, levo á Presença Augusta de V. Mag^e. esta m^a. representação, a fim de q^u., sendo do Real Agrado de V. Mag^e., se Digne Mandar remetter também á Mesa o d^o. Livro.³⁰

Assim como ocorrera anos antes, sua primeira preocupação dizia respeito à edição: como a lista apresentada fazia menção apenas a “hũa Traducção d’Werther”, o escrivão não sabia se se tratava da obra

³⁰ Mesa do Desembargo do Paço, Licenças, Caixa 819, pacote 2, doc 71. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. Documento datado de “Rio de Jan^{ro}. 27 de Outubro de 1817.”

anteriormente proibida ou de algum outro texto. A fim de justificar a necessidade de cautela no exame de cada exemplar, Lobatto explicava ao Rei, minuciosamente, como se burlava a censura:

[...] ha q^m. assevere ser hum facto, q. n'Alfandega de Lisboa se descubrio em certa ocasião q. se introduzião alli Livros prohibidos por meio de brochuras, cujo Titullo, e primeiro e segundo quaderno erão de Obras v.g. de Piedade, Moral ou Historia de Auctores conhecidos mas de que o resto era de obras condemnadas, ou suspeitas, as quaes se continuavão até o fim em outras brochuras de igual formatum, pelo mesmo sinistro meio, calculados os signaes da impressão, e numeros correspondentes: sendo depois cousa facilima separar aquelles quadernos intermeiados nas d^{as}. brochuras, e pollos em ordem para formar a obra completa. V. Mag^e. Mandará porém o q for mais acertado.

Por meio da criação de livros híbridos, iniciados por obras morais seguidas dos mais licenciosos escritos, textos ilegais passavam debaixo do nariz dos atarefados funcionários das alfândegas. Revelando, mais uma vez, que a materialidade dos impressos é essencial, Bernardo Jozé de Souza Lobatto não queria incorrer no mesmo erro de seus colegas lisboetas e, por isso, recomendava que a obra fosse remetida para exame. Seguindo sua sugestão, o livro foi encaminhado para o censor José da Silva Lisboa.

Contrariando seus companheiros de ofício, ele acreditava que a obra poderia ser liberada:

[...] parece-me, no meu humilde entender, que admitte despacho a obra = Malheurs d' Werther, ou do Jeune Werther: porque, supposto não seja ella isenta de alguma

censura, por expor mui vivamente a paixão terrivel de hum Jovem, q'. namorado da mulher de seu amigo, nem podendo vencer a si, nem a virtude da mesma, nem trahir a honra do sincero amigo, que lhe franqueava a sua casa, mas que chegando a suspeitar pensamentos de aleivozia lhe mandava hum pár de pistolas, á pedido do impetuoso amante, que com elas se matou; comtudo, não acho que a obra inculque immoralidade, e só a angustia de huma alma atribulada com as mais enormes torturas da probidade, e da concupiscencia. Annos ha que li essa obra em Lisboa; e naõ me constava que fosse prohibida, nem a acho em Indice Expurgatorio, e Editaes da extinta Meza Censoria, pelos quaes me regulo na Censura official. Talvez, se a lêsse agora, fizesse mais severo juizo, vendo a devassa corrupção da Moral Publica. Como a obra he originalmente Allemaã, de ordinario, naõ tem a frequente libertinagem e lubricidade das Novellas Francezas: Lembro-me que, quando a li, se dizia ter sido, naõ romance, mas real facto, acontecido em Vienna d'Austria.³¹

Revelando a pouca eficácia das interdições, José da Silva Lisboa tranquilamente declarava ter lido o livro proibido, "há anos", enquanto vivia em Lisboa. Nascido no Brasil em 1756, Lisboa transferiu-se para Portugal onde cursou Direito Canônico e Filosofia na Universidade de Coimbra. Quem sabe não foi ali, pelas mãos de um livreiro como Pedro Aillaud, que ele teve contato com a obra que sequer imaginava fosse proibida, ainda que constasse do "Catálogo de livros defesos neste Reino, desde o dia da Criação

³¹ Mesa do Desembargo do Paço, Licenças, Caixa 819, pacote 2, doc 71. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. Documento datado de "Rio de Janeiro 29 de outubro de 1817".

da Real Mesa Cençoria até o presente”.³² Como letrado importante e censor ativo, causa espécie sua declaração de que não encontrara o livro em “Índice Expurgatorio, e Editaes da extinta Meza Censoria”, o que talvez fosse estratégia argumentativa para dar sustentação a seu propósito de autorizar a circulação da obra. Ainda que declarasse regular suas decisões pelas listagens de obras proibidas em Portugal, não se ateve a uma “Censura official”, comentando minuciosamente a narrativa.

Tendo lido o livro há anos, guardava viva a lembrança do enredo, que reproduziu em seu parecer, não omitindo nenhum dos passos essenciais da trama. Diferentemente de Frei Antonio d’Arabida, ele não acreditava que o livro inculcasse a imoralidade, pois, apesar de se apresentar um triângulo amoroso, o foco, em seu modo de ler, concentrava-se sobre o sofrimento do jovem apaixonado, dividido entre a honestidade e o desejo – “e só a angustia de huma alma atribulada com as mais enormes torturas da probidade, e da concupiscência”.

Ele não avaliava a obra menos intensa ou a forma menos cativante do que acreditava Arabida, pois dizia que ela não era “isenta de alguma censura, por expor mui vivamente a paixão terrível de hum Jovem”. Ambos concordam também quanto à necessária identificação que se processaria entre o leitor e a personagem principal. Sua divergência, entretanto, assentava-se no foco para o qual se dirigiria a identificação. Sintetizando argumentos brandidos com energia nos debates travados entre defensores e detratores dos romances, os censores dividiam-se ao avaliar o efeito do livro sobre os leitores. Diante de um dilema moral como o vivido por Werther, o que aprenderiam eles: que o amor frustrado justifica um atentado à própria vida? ou que se deve evitar paixões ilícitas a fim de não

³² Cf. MARQUES, [1963].

chegar à situação extrema vivida pela personagem? Enquanto a leitura de d’Arabida salientava o amor extra-conjugal, a de Lisboa prestava mais atenção ao sofrimento da personagem, duvidando que a “a obra inculque immoralidade”. Desse modo cada um deles supunha que o contato com o livro produzisse diferente fruto: imitação de atitudes pecaminosas ou solidariedade com o sofridor.

Nascido em 1771, Frei Antonio d’Arabida era 15 anos mais jovem do que Lisboa e, talvez por isso, tenha sentido com mais força os perigos do romance. José da Silva Lisboa tinha consciência de que a leitura muda com o tempo, por isso afirmava que, se relesse a obra naquele momento, aos 61 anos de idade, talvez “fizesse mais severo juízo”. Mais velho e sentindo sua época como tempo de devassidão e corrupção da moral, possivelmente atribuía parte dessa corrupção à ampla circulação de romances, entre eles os famosos romances libertinos franceses.

Mesmo considerando a possibilidade de mudar sua avaliação com uma releitura, mostrava-se indulgente com *Os Sofrimentos do Jovem Werther* tanto por diferenciá-lo das “lúbricas” narrativas francesas, quanto por supor que sequer se tratava de ficção, já que “se dizia ter sido, não romance, mas real facto”.

A documentação não conservou o despacho final, por isso é impossível saber se os comerciantes Lozan e Vial conseguiram liberar o livro da alfândega. Possivelmente não, pois 3 anos depois, em 1820, a cena se repetiu quando Roberto Hill tentou, sem sucesso, entrar no Rio de Janeiro com “*The sorrows of Werther*”. Dessa vez, o despacho foi claro: “a obra proibida de q’s se trata deve ser mandada ao Arquivo desta Meza.”³³

³³ Mesa do Desembargo do Paço, Licenças, Caixa 821, pacote 4, doc 50. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. Documento datado de “Rio 4 de Maio de 1820.”

Pouco depois, apesar da polêmica – ou talvez por causa mesmo da polêmica –, Paulo Martin anunciava a venda de “Werther romance, traduzido do Alemão do celebre Doutor Goethe” em seu “Catálogo de algumas obras que se vendem na Loja de Paulo Martin, Rua da Quitanda N. 33. Vindas neste ultimo Navio de Lisboa.”³⁴ Possivelmente, tratava-se da tradução de Werther: *História Alemã Escrita pelo Doutor Goethe*, publicada, “com licença da Comissão de Censura”, em 1821,³⁵ facultando, finalmente, o acesso à história do sofrimento Werther sem necessidade de recurso a expedientes ilegais.

Goethe e seus leitores

Toda essa polêmica crítica ocorreu enquanto Goethe está vivo. E não foram apenas os censores portugueses que se manifestaram. Críticos de todo o mundo e leitores de toda a parte parecem ter se sentido impelidos a escrever sobre a obra, para desespero do autor. Em suas Memórias, Goethe comentou sua reação:

Preparado para tudo que se avançasse contra o *Werther*, não me aborreci em absoluto com todas essas críticas; mas não tinha previsto o insuportável tormento que me reservavam as almas benévolas e simpatizantes. Com efeito, em lugar de me dizer algumas palavras gentis sobre o meu livro tal como era, cada qual queria logo saber o que havia de verdadeiro no fundo. Isso me chocou profundamente, e em geral respondia em termos brutais, pois para

dar as explicações que se me pediam teria de dissecar e desfigurar a minha obrinha, que meditara longamente para dar unidade poética a tantos elementos [...] Eu esperava libertar-me dessas indagações importunas ao cabo de algum tempo, mas o fato é que me perseguiram durante toda a minha vida. (GOETHE, 1999, p. 453-454, grifo do autor).

Se pode parecer triste o efeito da censura sobre a circulação dos textos; se pode parecer desoladora a reação dos leitores, pode ser reconfortante perceber a crença imoderada dos censores e do público no poder da leitura e sua certeza a respeito da capacidade dos textos literários de interferir nos comportamentos individuais e na organização da sociedade.

ABREU, M. “Effluvios pestíferos da perversidade do Século”: Readings of *Werther* in the Luso-Brazilian world. *Revista de Letras*, São Paulo, v. 46, n. 2, p. 105-129, jul./dez. 2006.

ABSTRACT: *This text traces the birth of Goethe’s novel The Sorrows of Young Werther (1774) and its circulation in the Luso-Brazilian environment, with special focus on the Brazilian and Portuguese censors’ official judgment.*

KEYWORDS: *The Sorrows of Young Werther. Goethe. History of reading. Brasil. Portugal*

Referências:

ABREU, M. **Os Caminhos dos livros**. Campinas: Mercado de Letras:ALB:FAPESP, 2003.

ECKERMAN, **Conversações com Goethe**. Tradução do alemão e notas por Marina Leivas Bastian Pinto.

³⁴ O Catálogo não indica data de publicação.

³⁵ Mesa do Desembargo do Paço, Licenças, Caixa 821, pacote 4, doc 50. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. Documento datado de “Rio 4 de Maio de 1820.”

Prefácio de Augusto Meyer. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Ed., 1950.

GOETHE, J. W. **Memórias**: poesia e verdade. Tradução de Leonel Vallandro. Porto Alegre: Globo, 1971. 2 v.

_____. **Os sofrimentos do jovem Werther**. Tradução e notas de Erlon José Paschoal. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.

LETTRES d'un voyageur a l'abbé Barruel ou nouveaux documents pour ses mémoires, nouvelles decouvertes faites em Allemagne, anecdotes sur quelques grands personages de ce pays, chronique de la secte &c. [S.l]: Imprimerie d'A. DuLau et Co. et L. Nardini, 1800.

MARQUES, M. A. S. **A real mesa censória e a cultura nacional**. Coimbra: Editora da Universidade de Coimbra, [1963].

VILLALTA, L. C. **Reformismo ilustrado, censura e práticas de leitura**: usos do livro na América portuguesa. 1999. 546 f. Tese (Doutorado em História Social)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.